



GUITMARAENS COMBATIDO

Tributa Reverente
IGNACIO CARVALHO DA
CUNHA

Coimbra 1744

R. 6185 081



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton

29359



Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto



GUIMARAENS COMBATIDO,
ASSALTO DA PENITENCIA,
TRIUNFO DA VIRTUDE,
EPANAFORA METRICA,
QUE AO SERENISSIMO SENHOR

D. JOSEPH

Arcebispo Primaz das Hespanhas, e Senhor de Braga
TRIBUTA REVERENTE

IGNACIO CARVALHO DA CUNHA,

Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones, natural da Cidade de Braga, Arcipreste na Insigne, e Real Collegiada de N. Senhora da Oliveyra de Guimaraens, Alumno da celebre Acaademia da mesm^a Villa.



GUIMARANS COMPTON

TRINITY STREET, LONDON

D. JOSEPH

PRINTED BY G. G. & CO. LONDON



PROLOGO.



Urioso Leytor. Pertendi tributar ao Serenissimo Primaz das Espanhas hum Sacrificio, em que mostrasse a sua grandeza, e o meu reconhecimento. Intentei este assumpto, por conhecer, que àquelle Principe he desagrado tudo, o que se não encaminha à execuçãõ da virtude. Ideei hum Poema, sahio a luz esta mōstruosidade de versos: mas a qualidade de mãos, não me rouba a gloria ao dezejo, de q̃ fossem bõs, o que basta para o meu intento; porque os Principes regulaõ os Sacrificios pela vontade, cõ que se offerecem, e não pela grandeza, com q̃ se portaõ.

Alem de que, conhecendo eu, que, pa-

ten-

tentes nesta obra minhas ignorancias, perco a reputaçãõ, não defisto de publicallas como tributo àquelle Principe; q̃ nisto lhe sacrifico a fama, que he a maior preciosidade do mundo. Porque, se nos Marciaes conflicts he para com os Principes grande fineza de hum vassallo, arriscar a vida; quanto mais fino será, quem perde a fama? porque aquelle parece, que troca o alento pela reputaçãõ, e este compra o abatimento por huma fineza; e dos Principes são mais estimados os offercimentos, quanto mais se apartaõ da conveniencia.

Bem sei, que julgas pela regra geral, que devia esta obra ser util, e deleitosa; e não podendo tu negarlhe a utilidade pela materia, que he a Penitencia; , não admittindo esta recreyo, parece, que fica em mim sendo estudo a pouca elegancia.

VALE.

GUI-



GUIMARAENS COMBATIDO,
ASSALTO DA PENITENCIA, TRIUNFO DA VIRTUDE.

EPANAFORA METRICA.
CANTO UNICO.

I.



U, que até agora em jubilos profanos
Fruttrei de Apollo inspiraçoẽs ardẽtes,
E alguns verlos compũs da vida enganos,
Ladroens do tẽpo, e scandalos das gentes,

Assopro.

Agora em repetidos defenganos
A' vista expostos, e à razaõ patentes
Proporcionando a lyra ao som do pranto,
Delictos choro, e Penitencias canto.

II.

R Enova, ò Musa, aquelle ardor Divino,
Que eu desaproveitei, tu me influiste,
Siga o discurso meu sacro destino,
Que a razaõ manda, o gosto naõ resiste,
Seja a influxos de accento peregrino
Suave a dor, a consonancia triste;
Porque quem quer, que estes meus versos note,
A forças do pensar em prantos brote.

Invoca-
ção

A 2

III.

III.

Dedicatoria.

E Vós, que por virtude, e Natureza
 Das Hespanhas fazeis acreditada
 A Primazia, em que vossa grandeza
 Vive mais opprimida, que premiada.
 Em quanto a forte bem não contrapesa
 Merecimentos taes, pondo acertada
 Nos Regios hombros purpura de Tyro,
 Na sacra fronte o triplicado gyro.

IV.

V Os, que da injustiça, e da impiedade
 Quebrastes o rigor, rompettes coutos,
 Fazendo da observancia na igualdade
 Andar tremendo aos mãos, aos bons affoutos,
 E hora obrando justica, hora piedade,
 Sendo aos Grandes exêplo, e norma aos Doutos
 Quebrais forçoso, e delatais propicio
 Os pesados grilhoens, que atara o vicio.

V.

V Os, que tendo por berço a Magestade,
 Desceis a pobres carceres, aonde
 Mostrais, que às vigilancias da piedade
 Do Regio coração nada se esconde:
 Por credito maior della humildade
 Nos bayxos verfos meus os olhos ponde;
 Porque nestas masmorras da ignorancia
 Supra o respeito as faltas de elegancia,

VI.

SE a sacra occupaçoẽ volo consente,
Ouvi, naõ fingimentos de Poeta,
Mas a effeitos da dor, que o peito sente,
Verdades puras de consciencia recta;
Mostray volla attençaõ sabia, e prudente
Mais piedosa a meus verios, que discreta,
E a vontade aceitay, ponde de parte
Faltas de ingenho, e ignorancias da arte.

VII.

DEpois que a ostentaçoens de Regio estado, Exordio.
Entrou Joze com glorias de triunfante,
Principe excellio, e General sagrado,
Na Brachárense Igreja militante,
De virtudes, e letras petrechado,
Nas Clericaes milicias vigilante,
Reformando, a que encontra defarmada
No largo tempo da invasaõ passada.

VIII.

DEpois que reformou sabio, e attento
O Temporal, que o seu dominio encerra:
Revolvendo em seu alto pensamento,
Que he sempre o vicio a perdiçaõ da terra;
Com forte coraçãõ, regio ardimento
Contra a furia infernal publica guerra;
Porque lhe alcance mais gloriosas palmas
Combater coraçõens, conquistar almas,

IX.

E Como vio, que a direcção da gente
 Muito nos Pregadores consilia,
 Contemplando tambem, que do Occidente
 A' opulenta regiaõ, berço do dia,
 Ninguem foi neste emprego mais vehemente,
 Que os Ministros da Sacra Companhia,
 Destes elege, em quem zelo profundo
 Reconhece a attenção, venera o mundo

X.

LA de Héspanha lhe vem tres Pregadores,
 Contra o poder do vicio arma campanha;
 Que como os constitue embaxadores
 Julga que he mais temida a voz estranha;
 Ou por mais ampliar os seus favores,
 O Principe attendeu, Primaz de Espanha,
 Que nesta expedição melhor seria
 Lingua commua a toda a Primazia.

Offerecê
 se de Ca-
 stella a S.
 Alteza os
 Missiona-
 rios.

XI.

A Fama destes Padres excellente,
 Que ja na Iberia os fez tam conhecidos,
 Porque tenhaõ lugar mais eminente,
 Se elevou deste Principe aos ouvidos.
 Porisso aquella ja de gente em gente
 Antonomafias faz seus appellidos,
 Que hum de Calatayud cognome goza,
 O outro Ibañes, o outro Carvajoza.

Nomes
 dos Missi-
 onarios o
 P. Pedro
 Calata-
 yud, o P.
 Fernan-
 do Iba-
 ñes, o P.
 Joã Car-
 vajoza.

XII.

D Os Padres Hespanhoes por companheiro
 A hum Padre Portuguez tambem convida,
 Paraque explique ao povo mais grosseiro
 A locuçaõ talvez mal entendida;
 Ou porque sua Alteza vio primeiro,
 Que este tal Padre *Torres* se appellida,
 E contra a Infernal furia nesta empreza
 Exemplos nos quis dar de fortaleza.

O P. Ma-
 noel de
 Torres.

XIII.

M Ostrando estes Varoens de todas sortes
 Sciencia clara, e consciencia justa,
 Vaticinando acçoens, prevendo mortes,
 Assombrada deixaraõ Braga Augusta.
 Depois disto abalando peitos fortes,
 Aos quaes nem inda o mesmo Marte affurta,
 Conquistaraõ tambem Mavorcia gente,
 La onde o Lima em sal troca a corrente.

Primeira
 Missaõ
 em Bra-
 ga.

Segunda
 Missaõ
 em Vian-
 na.

XIV.

P Ara a terra feliz, berço mimoso
 De Affonso, Rayo de Mavorte adusto,
 Rey primeyro de Lyfia venturoso,
 O Primaz os envia a proprio custo;
 Porque se aquelle Rey deu o ser ditoso
 De Corte a Guimaraens, he santo, e justo,
 De nova vida em singular projecto
 He de segundo ser o Illustre Neto.

Esta ter-
 ceira Mis-
 saõ em
 Guima-
 raens.

IO *Guimaraens*

XV.

TRes dias eraõ ja, que se hospedava
No Escorpiãõ Nocturno o Sol brilhante,
E do Vertical ponto se apartava,
Para Thetys lhe dar berço inconstante.
Quando a Santa Missãõ se aproximava
A' Nobre, e Leal terra, que enelante
Espera em tam sagrado beneficio,
Que se alente a Virtude, e morra o Vicio.

A 26. de
Outubro
entraõ
em Gui-
maraens
de tarde.

XVI.

JA toda a Illustre Villa alvoroçada
Sentia no prazer tanta evidencia,
Que, respeitando a cousa desejada,
Passava a ser virtude a impaciencia;
Julgando a expectaçãõ desempenhada
Ja do Calatayud na previdencia;
Porque lho tinha publicado o Prelo
Com claro ingenho, e celestial desvello.

XVII.

Muitos longe da Villa affectuosos.
Nãõ esperar a santa companhia,
Que de tanta ventura dezejosos
Ser primeiro em lograr qualquer queria.
Sendo em Divino amor tam fervorosos,
Culpavel a distancia parecia;
Que em quanto hũ bem, q̃ he grande, nãõ se alcãça,
Periga nos instantes a esperança.

XVIII.

XVIII.

Chegaõ pois, e a attençã dos circumstantes Entrada
 Em breves cumprimentos se effectua;
 Porque julgaõ por annos os instantes,
 Que perdem de Missã, gloria commua.
 Continuaõ seus passos anelantes
 Ao proveito geral: mas ja na rua,
 A' qual o nome dà Santa Luzia,
 Os olhos da attençã o povo abria.

XIX.

Entre a plebe, que aos Padres ver dezeja Acompa
nhamen-
to.
 Da nossa salvaçã tam cuidadosos,
 He grande a multidaõ, que ali os festeja,
 Do Clero, da Nobreza, e Religiosos;
 Dos Regios Capellaens da insigne Igreja
 Muitos tambem concorrem fervorosos,
 E no applauso geral cõrrespondia.
 A tanta estimaçã tanta alegria.

XX.

O Calatayud clama: *Penitencia.*
 Logo o Torres postrado nos convida
 Contemplar, que a ruina he consequencia
 Da grandeza do Mundo presumida.
 Pois fendo a torre indicio da eminencia,
 Naquelle heroica aççaõ (fendo abatida)
 Sabio mostrou, que as torres levantadas
 Mais defenganos daõ, quando postradas.

XXI.

O Interior da Villa circulando,
 He Christo de si mesmo o estandarte
 Nas maõs destes varoens, que convocando
 Para o conflicto vaõ por toda a parte.
 E os auxilios da Graça ao Ceo clamando
 Nos comminantes eccos, que reparte,
 Publica cada qual na illustre terra
 Da penitencia a paz, da culpa a guerra.

XXII.

Collegia-
 da de
 Guimaraens.

J Unto do singular tronco robusto
 Da Oliveira inda agora florecente,
 Jaz de Santa Maria o Templo augusto
 Tam antigo, e real, como excellente,
 No qual a fundacoens de Regio custo
 Por Capellaens de El-Rey conhece a gente
 Ao Cabido, a que daõ favores Regios
 Honras excelsas, e amplos privilegios.

XXIII.

O S Missionarios neste insigne Templo
 Ao congresso recolhem; porque nisto
 Intentaõ declarar (como contemplo)
 Que as pazes da consciencia tem previsto.
 Ou he, que como a todos com o exemplo
 Convidaõ a levar a Cruz de Christo,
 Bem era, porque fosse verdadeira,
 Que o titulo levasse de Oliveira,

XXIV.

COm zelo ardente empulpito, elevado
 Mostra o Calatayud o seu talento,
 Propondo entre os horrores do peccado
 Motivo à dor, à penitencia alento.
 A Christo arvora em sangue derramado,
 E foi tal do concurso o sentimento,
 Que se a Oliveira ali não se ostentara,
 O diluvio do pranto não cessara.

1. Ser-
 maõ Pu-
 blicaçãõ
 da Missãõ.

XXV.

POr, ver taõ perto ja sepulchro! undoso
 Dava pallido o sol luz menos clara,
 Quando deste concurso populoso
 A Santa companhia se separa,
 Em casa livre hospicio grandioso
 Com regia prevençãõ se lhe prepara,
 Sem que se admitta a minima despeza,
 Que não corra por conta de Sua Alteza.

XXVI.

NO mesmo tempo em locuçaõ facunda
 Se prega no outro dia o defengano
 Do pô, do vento, ou nada, em que se funda,
 Deste alento vital o breve engano:
 Quam pouco tempo faz, que se confunda
 Na terra a fragil terra, o corpo humano,
 Que não he mais, que hum lodo sensitivo,
 Da alma racional sepulchro vivo.

2. Ser-
 maõ do
 Fim do
 homem.

XXVII.

P Ara que em todos seja à Fê mais pura,
 Antes de alguns Sermoens discreto ensina
 Calatayud com efficaz ternura
 Os dogmas principaes da Ley Divina.
 Casos, que conta, exemplos, que figura,
 Fazem taõ preceptivel a doutrina,
 Que o sabio a admira, e o rúde a entende
 Mais clara que a luz, que o sol dispende.

XXVIII.

D A Penitencia explica o Sacramento
 Discorre as circumstancias do peccado,
 A occasiaõ, a obra, o pensamento,
 O costume, o lugar, o tempo, o estado,
 Sendo cada palavra hum documento
 Nas claras reflexoens tam ponderado,
 Que inda quem mais grosseiro se imagina,
 Ao mesmo tempo, que ouve, se examina.

XXIX.

3. Ser-
 maõ do
 Peccado.

P Roa o outro Sermaõ, que nos estima
 Por filhos seus o Pay, que tudo ordena,
 Mas da esfera, a que a Graça nos sublima,
 Cahir mortal peccado nos condemna.
 Passar tanta distancia, e vario clima,
 Da Graça á culpa, e da Gloria á pena?
 Oh! se eu neste ponto imaginara,
 Ou morrera de pasmo, ou naõ peccara.

XXX.

NO outro dia o pranto não socega;
 Porque ali do peccado o horror se explica,
 Que he Caos da vontade, entãõ mais cega,
 E sombra da razaõ, que à Graça implica.
 E que inda haja no mundo quem se entrega
 Ao peccado mortal, vendo que fica
 Trocando a gloria por castigo eterno,
 Inimigo do Ceo, sequaz do Inferno?

4. Ser-
 maõ do
 Horror
 do pec-
 cado.

XXXI.

DE hum discurso efficaz forma elegante
 Faz pasmar no outro dia a gente attenta
 No ponto mais fatal, mais penetrante,
 Quando do corpo o espirito se auzenta;
 Porque este (oh Santo Deos) no mesmo instante
 No Tribunal Divino se apresenta,
 E a sentença lhe da Juiz eterno
 De Gloria para sempre, ou sempre Inferno.

5. Ser-
 maõ do
 Juizo par-
 ticular.

XXXII.

ERa o dia, em que a Igreja solemniza,
 Aos que aspirando à Patria verdadeira
 Por tempo decretado cauteriza
 Purificante ardor, voraz fogueira:
 Pregando o Padre Torres pavoriza
 Ao congresso mostrando huma caveira,
 Epitome horrorozo, e precipicio
 Do racional organico edificio,

6. Ser-
 maõ do
 Defega-
 no.

16 Guimaraens

XXXIII.

JA das aldeas proximas crescia
Em tanta forma a populosa enchente,
Que pelas mais Igrejas se acolhia,
A que a Matriz por muita naõ consente.
Naõ esfriava o invernofo dia
Dos Padres Hespanhoes ao zelo ardente;
Que em diversas Igrejas se derrama
A palavra de Deos, que a gente inflamma.

XXXIV.

Campo da Feira de Guimaraens. **P**Ara o Nascente em Guimaraens se alarga
Fõra do muro hum campo deleitoso,
Que vay finalizar em ponte larga
De rio (inda que breve) delicioso,
De altos troncos de Jove a vista embarga
A densidaõ, que faz docel frondoso
Ao portico da Ermida, breve esfera,
Onde o Senhor dos passos se venera.

XXXV.

7. Sermaõ do Juizo Final. **A** Qui o Padre Ibañes bem se apura
(Inda agora parece, que o estou vendo)
Na elegante expressaõ, triste pintura
Do Juizo final; dia tremendo.
Na apprehensaõ de muitos se figura
Da funeral trombeta o ecco horrendo,
E conforme o terror na idea cresce,
Tremenda a Magestade lhe apparece.

XXXVI.

XXXVI.

NA mesma tarde em San^t Francisco ouvia
Outro concurso com remorso interno
Ao Carvajosa, em cujas mãos se via
Horrendo quadro da visão do Inferno.
Foy tam viva a pintura, em que fazia
Tam conseqüente à culpa o fogo Eterno,
Que ouve, quem nas ideas, que formava,
Temoroso cuidou, que se abrafava.

8. Ser-
maõ do
Inferno.

XXXVII.

JA em Novembro a luz da quarta esfera
A quarta vez as trevas desmentira,
Extrahindo de espaço da Atmosfera
Ao turbido vapor, que o mar transpira.
Tornado assim o Outono em primavera,
Buscar para as Missões logo se aspira
Oportuno lugar, campo espaçoso
Para concurso já tam numeroso.

XXXVIII.

Junto do Seminario Religioso
De letras, e virtudes habitado,
Convento singular, Templo espaçoso,
Onde o maior humilde he venerado,
Jaz hum terreiro de arvores frondoso,
Em que do Santo Antonio celebrado
Forma aos romeiros cada tronco antigo
Dos ardores do sol mimoso abrigo.

Terreiro
de S. Frã-
cisco de
Guima-
raens.

XXXIX.

N Este terreiro, que o silencio goza,
 Porque naõ tem de casas ornamento,
 Dos Missionarios a intençãõ piedosa
 Fez do sacro combate o ajuntamento:
 E foy com providencia mysteriosa,
 Porque infundisse à penitencia alento
 O Serafim de Alliz, e o Paduano
 Pregador, Thaumaturgo Lutitano.

XL.

O Concurso ja agora he tam frequente,
 Que ali todas as tardes se encaminha
 Em freguezias a camponia gente,
 Que em duas leguas he circumvisinha,
 Cada dia por ordem providente
 Numero breve de Paroquias vinha,
 E inda assim era tanto o ajuntamento,
 Que naõ cabia das Missoens no assento.

XLI.

C Ada Paroquia, antes que à villa chegue
 A Cruz levanta, e em alas Concertado
 O concurso pueril, logo se segue
 O numero dos homens compassado:
 Logo devoto as demais prolegue
 O sexo feminino separado,
 O Paroco os divide, e o tom levanta,
 Das petiçoens ao Ceo, que a gente canta.

XLII.

XLII.

Quaes Pastores dispersos, que apparecem
Na larga costa do elevado montê,
Se juntaõ todos, quando as sombras creíscem,
Porque o sol vay deixando esse Orifonte.
Cantando alegremente, em quanto descem,
Chegando ao curso da copiosa fonte,
Toda junta a lanifera derrota
Ao valle encobre, e à corrente esgota.

XLIII.

Assim à sombra da arvore Divina
Sacros Pastores vaõ na villa entrando,
Hum ao outro se junta, e a voz affina,
Saudaçoens Angelicas cantandó,
Chegados pois à fonte da Doutrina,
Unido todo o populoso bandó,
Nas affluencias a attençaõ embebe,
Da santa vida os documentos bebe.

XLIV.

A Materia melhor, que o ponto vinha
Foi na tarde seguinte ponderarse
Doutrinalmente quanto ouvir convinha
A palavra de Deos, quem quer salvarse:
Que dali muitas vezes certo tinha
Hum peccador a Christo dedicarse;
Porque se Pedro naõ chegasse a ouvirillo,
Naõ teria a fortuna de seguillo.

9. Ser-
maõ do
ouvir a
palavra
de Deos.

XLV.

10. Ser-
maõ do
6. M. n-
damêto.

E Como muitas vezes o prejuro,
Enganoso Sinon, o amor profano
Faz, que ao Paladiaõ do vicio impuro
Seja Troya infeliz o peito humano:
O seguinte Sermaõ clama, que o muro
Da vontade não se abra a tanto engano,
Por se não profanar na infernal calma
O eterno liaõ racional alma.

XLVI.

L Ogo estendido hum lenço ali figura
Preso à columna ao Pay da Natureza;
Passo, em que o Pregador mostrar procura
Nossa irresoluçãõ, nossa crueza.
Cadaqual embebido na pintura,
Reconhecendo em si tanta dureza,
Columna immovel se julgava, em quanto
Não se abrandou na profusaõ do pranto.

XLVII.

11. Ser-
maõ do
Proposi-
20.

D O proposito firme a qualidade
Mostra o outro Sermaõ com tal estilo,
Que attrahida aos ouvidos a vontade
He o mesmo escutallo, que seguillo.
Oh Soberano Deos, se esta verdade
Impressa na alma de quem chega a ouvillo
Da memoria o descuido a não riscara
Nenhum de nos ja mais vos aggravara.

XLVIII.

XLVIII.

A Hum, que gravemente delinqüira
 A carta de seguro, que alcançara,
 Se nos mesmos delictos reincidira,
 A suspenderlhe as penas não bastára.
 Com este exemplo a quem salvarse aspira
 O Sermaõ no outro dia lhe declara
 Nas recommendaçoes da Penitencia
 Os perigos, que tem a reincidencia.

12. Sermaõ da Reincidência.

XLIX.

O Utro Sermaõ deixar faustos profanos
 Manda ao homẽ, primeiro que a ver chegue
 Na caduca parede dos seus annos
 Maõ, que lhe escreve o fim, que se lhe segue.
 Que he hum litigio a vida em seus enganos,
 E não ha de evitar por mais, que alegue,
 A sentença final, que não escapa
 O Plebeo, o Fidalgo, o Rey, e o Papa.

13. Sermaõ da Morte.

L.

O Padre Ibañes de eloquencia rara
 Contra o furtar indignaçoes fulmina
 No dia, que se segue, e ali declara,
 Quanto este vicio aos homens contamina.
 Se o prohibido como não furtara,
 Não fora Adaõ universal ruina;
 Cortou cobiça injusta o fio extremo.
 Do innocente Abel, do pobre Remo.

14. Sermaõ do Furto.

LI.

A 8. de
Novem-
bro se fez
a Procif-
saõ do
Assalto
geai.

Oitava vez, desque Novembro entrara,
Dava neste Orifonte a luz F'ebina;
Quando huma Prociffaõ, que se prepara,
Hum Assalto geral se denomina.
Porque ali guerra aos vicios se declara,
E o fogo da razaõ balas fulmina,
Te que se postrem da vaidade os muros,
Racionaes baluartes, peitos duros.

LII.

JA' reclinada em leito Cristalino
Estava agonizante a luz do dia,
Quando o sonoro impulso em metal fino,
Que os coraçõens tocava, & o ar feria,
Buscando cadaqual o seu destino,
Toda a Nobreza, e plebe concorria
Do Serafim chagado ao grande Templo,
Para tomar das direcçoens exemplo.

LIII.

NA mesma Igreja contra os peccadores
Culpas argue, obtinaçoens convence
A duplicada voz de Pregadores,
Hum Serafico, o outro Gusmanense.
Por mostrarem deste acto os directores
Lembrados da visaõ Lateranense,
Que concorre a subster da Igreja o risco
Igualmente Domingos com Francisco.

LIV.

LIV.

DAqui pois expedida a gente toda
Em bem composta prociffaõ formada
A' direcçaõ dos Nobres se accomoda,
Que por ordem lhe estava destinada.
Foraõ sanctificando a Villa em roda
Da gente varonil despovoada,
Por se incluir neste acto taõ piedoso.
O Pobre, o Rico, o Clero, o Religioso.

Direcçaõ
da Pro-
ciffaõ.

LV.

NEste chamado affalto acçaõ piedosa
O povo em duas alas se entendia,
De Francisco a familia religiosa,
E juntamente o Clero præcedia.
Musica tritamente harmoniosa,
Multiplicada em coros se attendia,
Interpolando aos metricos clamores
Vozes de vinte e quatro Pregadores.

Forma
da Pro-
ciffaõ.

LVI.

MOve igualmente ao discreto, e rudo
De exclamaçoens o ecco retumbante:
Porem dos grandes sempre o exemplo mudo
Da gente he persuasaõ mais elegante;
Porisso em tudo sabio, attento em tudo
Do mais celette peso ultimo Athlante
O Bispo de Hetalonia a Christo arvora
A Prociffaõ termina, e condecõra

LVII.

LVII.

OS Nobres, que esta marcha vaõ compondo,
 Eraõ mandados já fazer assento
 No campo do Toural, e ali vaõ pondo
 Por ordem cada qual feu regimento.
 Visto o concurso assim todo em redondo
 Era hum bem formado acampamento,
 Em que armados de zelo fazem alto,
 Esperando final para o assalto.

LVIII.

E Como o Carvajosa aos Ceos attento
 Da atalaya do Pulpito avisasse,
 Que armado contra o gosto o entendimento,
 Cada qual alli mesmo se assaltasse.
 A discreta efficacia, o raro alento
 Fez, que esta intimaçaõ se executasse,
 Ministrando furor de affecto tanto
 Balas à contriçaõ, bombas ao pranto.

LIX.

O Padre Ibañes no eloquente excessõ
 Da sentida expressaõ de affectos puros
 A hum Christo eleva, em quem busca o regresso,
 Por dar à dor motivos mais seguros.
 Porque, se a tantos brados no congresso
 Ouvessem coraçoes penhascos duros,
 Daquella vara de Moyzes tocados
 Em lagrimas rompessem liquidados.

LX.

T Al fructo daquelle acto, em fim resulta,
Que das mais noites quando a sombra cresce,
Publico exemplo em penitencia occulta
Nas procisloens devotas se conhece,
Se o letargo do vicio a alguém sepulta,
Faziaõ que acordado estremeceffe,
Huns ao som das cadeas, que arrastavaõ
Outros dos tristes hymnos, que entoavaõ.

LXI

S Aõ na seguinte tarde repetidos
Do Juizo Final os altos brados,
Dos quaes haõ de tremer os Escolhidos;
Que refugio haõ de ter os condemnados?
De todo o amparo ali destituidos
Seraõ eternamente sepultados
Nesse abismo Infernal, sulfureas piras
Execucaõ de Omnipotentes iras.

15. Sermaõ do Juizo Final.

LXII.

O Sermaõ no outro dia se remata
(Desempenhada a expectaçã commua)
Clamando o Pregador a huma alma ingrata
Quando Deos tornarà por causa sua.
Disgraçada de ti, se te desata
Das prizoens do favor por cùlpa tua,
E, entregue do peccado ao parocismo,
Declinas de hum abismo em outro abismo.

16. Sermaõ do Defengana da Alma.

LXIII.

17. Ser-
maõ da
Predesti-
nação.

CLama o outro fermaõ: Tu que em loucuras
O cabedal da vida todo empenhas,
Se a predestinação saber procuras,
Segue o bem, larga o mal, não te detenhas;
Deos não quer perdição de creaturas,
Mas obra tu de forte comque tenhas
Graça, antes de peccar a preservante,
Ou depois de peccar a sublevante.

LXIV.

18. Ser-
maõ de
naõ re-
tardar a
Peniten-
cia.

HOmem, que a madrugada es destinado
(Em outra tarde o Pregador dizia)
Para a vinha de Deos, e es descuidado,
Procura ja de Penitencia a via;
Que inda que pague o conductor sagrado
Igualmente ao que chega ao meyo dia,
Não te atendas; porque he favor divino,
De que a mesma omissão te faz indigno.

LXV.

19. Ser-
maõ dos
Enemi-
gos, e fa-
he o Sa-
cramen-
to.

SAhe noutra tarde, e move a Penitencia,
Aos que estão no odio endurecidos
O Milagre maior da Omnipotencia,
Refugio da alma, embargo dos sentidos.
Abraçaõ-se em leal correspondencia
Muitos, que ha tempo andavaõ defunidos,
E à voz do Prégador, que o peito atroa,
Hum chora, outro supplica, outro perdoa.

LXVI.

LXVI.

N Outra tarde attrahido da eloquencia
Populoso concurso estava attento,
Na alta ponderaçãõ da providencia,
Comque deve evitar-se o juramento.
Dalhe o ser, mais que a causa, a irreverencia,
Que he da honra de Deos, quebrantamento,
Detestavel bayxeza de hum peccado,
Que inda em materia leve he taõ pesado.

20. Ser-
maõ do
Juramẽ-
to.

LXVII.

A Gente varonil logo invocada
Atraz do Carvajosa, e a seu concerto
Fazendo poitraçoens clama alternada,
Viva JESUS, e morra o juramento.
Esta acçãõ no Toural finalizada,
Posto o Calatayud em alto assento,
Para a seguinte noite sem violencia
Dã nõrmas á funçãõ da Penitencia.

LXVIII.

E Ra o tempo, em que Febo já perdia
Pouco a pouco o calor em modo vario,
Pois do sinistro Escorpiãõ fugia,
Por se refugiar em Sagittario,
E-lhe faltava só desde este dia
Numero de jornadas septenario,
Fazendo huma hora ja, que se inclinara
No talamo, que Tetys lhe formara.

A 25. de
Novem-
bro.

LXIX.

LXIX.

A 23. de
Novem-
bro se fez
a Procif-
saõ da pe-
nitencia.

QUando o povo a que a Villa comprehende,
Do Serafim de Allis concorre à Igreja,
Pelo terreyro a multidaõ se estende,
Que Penitencia mais fazer dezeja.
Desto hum penedo ao pesçoço pende,
Outro meyo despido se naõ peja,
Cercafe oútro do ferro, que se esgrime,
Doutro a Cruz, doutro hũ lenho o hõbro opprime.

LXX.

Prociffaõ
da peni-
tencia.

QUal popular concurso temeroso, (ra,
Vêdo a patria, (qual Troya) ardêdo em guer-
Salvando cada hum o mais precioso
Deixa a Cidade, aos montes se desterra.
Dos incendios do vicio assim medroso
Cadaqual sobe da virtude à ferra,
E aos hombros toma, em ves de prata, e ouro,
Da penitencia o singular thesouro.

LXXI.

LOgo toda a Nobreza se convoca
A dirigir da prociffaõ a idêa;
E como a ella he, que o exemplo toca,
Cordas a cinta, e ao pesçoço enlea:
De toda a plebe os animos provoca
Com mais veneraçãõ, porque se crea,
Que de sorte a virtude a hum Nobre esmalta,
Que, quanto mais se humilha, mais se exalta.

LXXII.

LXXII.

A O confuso Babel do ajuntamento
Cada nobre em fileiras bem compostas
Por ordem pondo vay de cento em cento,
Conforme as prevençoens lhê estaõ dispostas;
Vaõ diante os meninos, e he protento
Ver com pedra ao pescoço, e Cruz ás costas
Fazendo penitencia os innocentes,
Para mais confuzaõ dos delinquentes.

Forma
da Pro-
cissão.

LXXIII.

D E pois destes os homens se dilataõ,
Que as penitencias levaõ relevantes,
E a dilatada procissão remataõ
O Clero, Religiosos, e Estudantes.
Asperas cordas aos pescoços ataõ,
E na cabeça espinhos penetrantes,
Qual na caveira as atençaens emprega,
Qual de hum Christo nas maõs as plantas rega.

LXXIV.

A Lî musicas tristes se escutavaõ,
Do Clero, e Religiosos se attendiaõ
Vinte e oito Pregadores, que abrandavaõ
As mesmas pedras quando o ar feriaõ.
Na abobeda do peito retumbavaõ,
Tê que do gotto os idolos cahiaõ
Desvanecendo da vaidade aos vultos
De Deos o amor, da Penitencia os cultos.

LXXV.

LXXV.

A Villa cercaõ toda, e convencida
 A gente em seus delictos se confunde,
 Porque em braços da morte o Auctor da vida
 Amor lhe inspira, e Penitencia infunde,
 E a aproveitarse a todos os convida
 Do copioso sangue, que diffunde
 Na Cruz, que eleva hum Conego sciente,
 Desta Igreja Real Locotenente.

LXXVI.

E Vendo a Christo o sangue diffundindo
 Recolhemse as potencias a conselho
 Nas vozes de Moyzes ja reflectindo
 O Mecanico, o Nobre, o Moço, o Velho:
 Do Faraõ do vicio vaõ fugindo
 Por entre as ondas deste mar vermelho,
 E em lugar das alfayas de ouro, & prata
 Levam qualquer a penitencia trata.

LXXVII.

Q Uai! destrozada ja toda huma frota,
 Que o procelloso vento à costa entrega,
 Alvorçada a gente ao mar se bota,
 Hum nada, outro fluctua, outro se apega,
 A forças da ancia em timida derrota
 Naufraga turba, quando à praya chega,
 Beyjando a terra, em jubilos devotos
 Protestos forma, & ratifica votos.

LXXVIII.

LXXVIII.

A ssm da Penitencia ao instrumento
Muito povo se apega temeroso,
Aquem levara da vaidade o vento
Do mar da culpa ao cabo tormentoso.
E sendo conduzido a salvamento
A' praya do Toural, campo espaçoso,
Postrado em terra ao passado attende,
Propondo emenda aos Ceos, graças lhe rende.

LXXIX.

E is que vê fluctuar por mais protento
Em mar vermelho ao baxel sagrado,
Que apagado o farol, perdido o alento,
Agoa fazia ja, roto hum costado.
E algum, que pedra tem por instrumento
Da Penitencia sua, ali amarrado
De espanto, e dor se fica mudo, e quedo,
Qual hum penedo junto a outro penedo.

LXXX.

O Carvajosa ao pulpito sobia,
E com zeloso ardor, peito alentado,
Clamava a aquelle, que a esperança fia
Ao mar do mundo de vaidade inchado,
Busque nas confissoens carta de guia;
Porque fugindo às Sirtes do peccado,
Tendo a Christo por Norte na memoria,
Chegue ao porto feliz da eterna gloria.

LXXXI.

LXXXI.

COm tremenda eloquencia persuadidos
 Do perigo horroroso dos peccados,
 Todos de ali se apartaõ compungidos,
 Das tormentas do vicio escarmentados.
 Huns dos seus proprios erros convencidos,
 Outros de alheyo exemplo edificados.
 Oh que gloria terá na Prelatura,
 Quem he causa Primaz desta ventura!

LXXXII.

Qual a nadante turba, que em derrota
 Move a Cidade em liquida campanha,
 Feliz ao porto chega, e ali se nota,
 Que o Monarca no luto aumentos ganha:
 Da mesma forte esta fagrada frota,
 Oh Principe do sacro mar de Hespanha,
 Vos há de dar nesse ethereo assento,
 (Quando do nome naõ) da gloria augmento.

LXXXIII.

21. Ser-
 maõ do
 numero
 dos pec-
 cados.

HOmem, que em tantos vicios te despenhas
 (Clama outro dia o Pregador discreto)
 Acautelado vive, olha naõ tenhas
 Dos peccados o numero completo.
 Suspende esse delicto, em que te empennas;
 Porque constituido em peso recto;
 Se o fiel da balança a ti se inclina,
 A precepicio eterno te dellina,

LXXXIV.

LXXXIV.

NO feguinte fermaõ bem se discorre
No focego feliz, que o juſto alcança
Naquelle alegre tempo, quando morre,
Ou por melhor dizer) quando defcança.
Já da vida mortal nada lhe occorre ;
Porque no territorio da lembrança
Ha tempos, que fundou com ſabia lida
Neſſas baſes da morte a eterna vida.

21. Ser-
maõ da
morte fe-
liz do Ju-
ſto.

LXXXV.

A' Communhaõ geral he deſtinado
O dia immediato, em que florece
O zelo do Primaz, regio Prælado,
Que para o bem commum nunca ſe eſquece.
Mandou, que todo o Clerigo approvado
A's Confiſſoens devoto ſe expuſeſſe ;
Pois para ambos os ſexos neſſe dia
Ampla juridiçaõ lhe concedia.

Commu-
nhaõ ge-
ral.

LXXXVI.

INda o claro Lucifero vibrava
Tremula luz, que a penas ſe detinha,
Porque da Aurora o poſtilhaõ lhe dava
A noticia do ſol, que logo vinha.
Quando o devoto Clero madrugava
Para ouvir confiſſoens, que aſſim convinha ;
Porque na matutina luz da Graça
A noite do peccado ſe deſfaça.

LXXXVII.

LXXXVII.

E Porque a distribuirse o paõ Divino
 A affluencia da graça as almas farte,
 Com prævista razaõ, sabio destino,
 A multidaõ do povo se reparte;
 Vay para Sam Francisco o feminino,
 E para Sam Domingos o outro parte,
 Por fer inexaurivel a grandeza
 Do paõ dos Anjos n'uma, e outra meza.

LXXXVIII.

Qual rio, a que impolou tempo invernofo
 Margens naõ sofre, e ponte naõ contente,
 Os campos usurpando procellofo
 Na turbida invasaõ da groça enchente.
 Assim deste concurso fervoroso
 He tam crescida a innundaçaõ da gente,
 Que, a que nas taes Igrejas naõ cabia,
 Pelos feos territorios se estendia.

LXXXIX.

TOdos a fome da alma faciarãõ;
 (Oh Santo Deos, quanta grandeza ostentas!)
 Porque as Sagradas formas se contaraõ
 Alem de doze mil mais de seiscentas;
 E as pessõas, que Missã celebraraõ,
 O numero excederaõ de quinhentas.
 Oh Thesouro Celeite, e quanto ganha
 Por tanto bem Jozè Primaz de Hespanha?

XC.

L Ogo o Calatayud, que não descança,
Neste mesmo Domingo à tarde prega,
Animando em Celeste confiança
A tanta multidão, que a ouவில் chega.
Depois de lhe intimar perseverança,
Aquellas almas ao Clero entrega,
Com as obrigaçoens, que ali lhe aponta,
Tè o dia final da estreita conta.

23. Ser-
maõ da
Perseve-
rança, e
despedi-
da.

XCI.

A Gora tu, Melpomene, me inspira,
Quantos suspiros tem levado o vento,
Daquelle, cujo amor chamas respira
Na truncada expressãõ do apartamento.
Dis o Calatayud, que se retira,
Mostra da faudade o sentimento,
E as causas quer dizer de affecto tanto,
Mas ay! que as vozes lhe sufloca o pranto.

XCII.

S Ubindo humilde ao mayor quilate,
(Se pòde dar-se na humildade excessõ)
Lagrimoso do pulpito se abate
Beyjando os pès ao Varonil congresso.
Neste lance de amor ninguem rebate
Dos coraçõens o liquido progresso;
E algum, que reprimir o pranto intenta,
Se em suspiros não rompe, em ays rebenta.

XCIII.

XCIII.

DEixa da culpa este Hercules de Espanha
 Toda a monstruosidade ja vencida,
 Obrando agora a ultima façanha
 Na pedosa acção da despedida ;
 Qualquer, a que abraçado as plantas banha,
 He columna, que erige emmudecida,
 Não de inienfivel, não, porem de espanto
Non plus ultra da dor no mar do pranto.

XCIV.

OU foy, que apasiguada ja se via
 Do sagrado conflicto a guerra acceza,
 Sugeita do peccado a rebeldia,
 Que arinara contra a Graça a Natureza,
 E a triunfante gloria se seguia
 Do maior Capitaõ levando presa
 A Imperatriz dos vicios a Vaidade
 Ao carro do triunfo da Humildade.

XCV.

MAs ou de novo confessarfe intenta,
 Ou repetir as confissoens porfia
 Innumeravel povo, e se apresenta
 No celesse banquete ao outro dia.
 E fervoroso deide entaõ frequenta
 Ou nas Igrejas, ou na Sacra Via,
 De tal forte engolfado, que parece,
 Que tudo o mais, que não he Deos, lhe esquece.

XCVI.

XCVI.

H Uma vez à Justiça, outra à Nobreza,
Calatayud com terno amor pratica:
Ali da Rectidão, e da Grandeza
Deseitos corta, e perfeiçoens applica;
Inda que foy particular a empreza,
A todo Guimaraens se notifica,
Em publicos exemplos de equidade,
E em demonstraçoens nobres de humildade.

Duas Pra-
ticas par-
ticulares
às Justi-
ças, e No-
breza.

XCVII.

E Stes fermoens geraes finalizados,
Os Padres Missionarios pretendiaõ,
Que não fossem ja mais entronizados
Os idolos do vicio, que abatiaõ.
Porisso agora empregãõ seos cuidados
Na direcção do Clero, pois sabiaõ,
Que não ha peyor mal, que almas derrote,
Doque o exemplo maõ de hum Sacerdote.

XCVIII.

T Em Guimaraens à parte do Nacente.
Fora, e perto do muro em larga rua
O Templo de Sam Damaso eloquente,
Padroeiro da Villa, Patria sua.
A que se junta o hospicio, que consente,
Tres dias tenha habitaçãõ commua
O Clero, passageiro por piedade
Do fundador, hum Regildense Abbade.

Templo
de S. Da-
mazo.

XCIX.

Exercicios
de Santo
Ignacio.

DA Villa ao Clero e mais da visinhança,
Por ser livre este Templo, ali convoca
Sabio Calatayud, que não descança
Nos progressos do bem, que às almas toca.
Eloquente lhe anima a confiança
Quanto exemplar os animos provoca,
E os Santos exercicios principia
Do Fundador da Sacra Companhia.

C.

Cento, e doze Ordinandos faõ, que as puras
Doutrinas ouvem nestes Santos dias,
Os Conegos, Abbades, Clero, e Curas,
De seis sobre settenta freguesias,
Duzentos e vinte e oito, que as loucuras
Do mundo ponderando, em companhias
A muitos ouvi eu: *Perdidos vamos,*
Se esta lição de veras não tomamos.

CI.

DE tarde, e de manhã quem quer, q̄ entrava
De espirito lição huma hora ouvia,
Logo em lufido trono se ostentava
O milagre mayor, e se fazia
A pratica excellente, que explanava
O ponto da Oração, que se seguia
Meya hora, e se encerrava o Sacramento,
Tornavase à lição por complemento.

CII.

Quem ha, que as discriçoens explicar possa,
Comque este Padre os defenganos prega
A todo o Sacerdote (oh magoa nossa!)
Que, esquecido do bem, ao mal se entrega?
Timida a sinderesis se alvoroça
Da culpa nos horrores, mas focega
Nas ternas expressoens tomando alentos
Da mental oraçaõ nos documentos.

CIII.

Bem que nas Theologias, que declara,
Ingenho ostenta, & eloquencia apura,
Dos mysterios da graça a fonte clara
Patenteando aquem beber procura.
Para attrahir vontades só bastara
Dos seus colloquios a efficaz ternura ;
Que he tam viva a expressaõ, comque os profere,
Que os coraçõens penetra, as almas fere.

CIV.

Entregue à Oraçaõ o entendimento
Sabio Calatayud despede amante
Em cada soliloquio ao Sacramento
Huma setta de fogo penetrante.
(Bem como ao peregrino infunde alento
Em tenebrosa noite a luz distante,)
Nesta luz da razaõ no orar attenta,
O coraçãõ se abraza, a alma se alenta.

CV.

Procissão
que faz
o Clero.

E Como o santo Clero considera,
Quando no exemplo deve engrandecerse,
Fazer devota procissão se esmera,
Em que a modestia mais possa aprenderse;
O dia sexto de Exercícios era,
Quando ao mesmo Templo, em que se exerce,
Concorre todo a tempo, que fugia
Dos horrores da noite a luz do dia,

CVI.

D Ali caminha em direcção prudente,
Girando a Villa, e com silencio tanto,
Que só de tempo em tempo se presente
Musica triste em supprimido canto;
E no grande concurso precedente
Inspirava o silencio hum mudo espanto,
Porque aquella função lhe parecia
Huma Oração mental, que se movia.

CVII.

A Ttrahindo em silencio as piedades
Por fora, e dentro a Guimaraens rodea
Somente o Clero, Conegos, e Abbades,
Eos que de ordenarse tem a idea.
Cada qual por desprezo das vaidades
Torcido esparto ao pescoço enlea,
E hum crucifixo ao acto coroava,
Que sacerdote indigno eu arvorava.

CVIII.

CVIII.

P Or final, que formando internos gritos
Dice eu entãõ: Senhor, se por grandeza
Quizeltes padecer mortaes conflicts
Elevado de hum monte na firmeza;
Levevos eu, que como em meus delictos
He tanta a obltinaçaõ, tanta a dureza,
Naõ pòde haver Calvario mais seguro,
Que hum coraçãõ de pedra, hum peito duro.

CIX.

A ' Mesma Igreja o acto se retira
Do silencio com tal profundidade,
Que nem huma palavra só se ouvira
De tanta multidaõ na variedade.
Subido em alto pulpito se admira
De Sam Faustino o eloquente Abbade,
A cuja exclamaçaõ com dor vehemente
Naõ ha peito, que em prantos naõ rebente.

CX.

J A tres vezes a lampada do dia
Tinha nesta regiaõ sido apagada,
Depois deste acto, a tempo, que expendia
O Celeite pavaõ luz emprestada.
Quando da mesma Igreja se estendia
Segunda Procissãõ, que he regulada
Pelos Missionarios, cujos eccos
Extrahem pranto aos coraçõens mais seccos.

Segunda
Procissãõ
do Clero.

CXI.

E Ra esta Procissão, como a primeira,
 Em que demais fomento se attendia
 Ir diante formada a Ordem Terceira,
 Da qual a penitencia se aprendia.
 Hum abraçava a hū Christo, outro huma caveira,
 De outro huma pedra ao collo lhe pendia,
 Corda ao pescoco cada qual levava,
 Muita parte descalça caminhava.

CXII.

Qual o que escapa á undosa sepultura,
 Que no naufragio vio, inda allustado
 Ao Templo chega, a taboa dependura
 Da inconstancia do mar escarmentado:
 Processional concurso assim procura
 De Sam Francisco o Templo, e ali postrado.
 (Vista do mar da culpa á inconfidencia)
 Tributa como taboa a penitencia.

CXIII.

A Li sobe á cadeira da verdade
 Do Carvajosa a voz enternecida
 Clama, e mostra de Christo a Humanidade
 Na Cruz por nosso amor desfalecida.
 E como cadaqual se persuade
 Novo rumo seguir no mar da vida,
 Fugindo ao Cabo, em que a culpa o mete,
 Se engolfa em pranto, e contriçoens repete.

CXIV.

CXIV.

D Estinaſe o outro dia venturoſo,
Porque em Miſſa ſolemne ſe conclua
Eſte tempo de Ignacio fervoroſo,
Que era a honra de Deos toda a ancia ſua.
Deu fim a Communhaõ ao portentoso
Exercicio eſpiritual, gloria commua,
Pois deſde entaõ nas devoçoens frequente
Se apura o Clero, e ſe edifica a gente.

Fim dos
Exercici-
os.

CXV.

O H Soberano Ignacio, que a ventura
Deſtes ao mundo em Santa Companhia,
Propagaçaõ das letras, e Fè pura
Deſde onde nace, tẽ onde acaba o dia.
Que gloria naõ tereis, de quem procura,
Comque na Bracarenſe Primazia
Se obſervem voſſos ſantos Exercicios
Portas da graça, extirpaçaõ dos vicios?

CXVI.

E M quanto os Exercicios ſe faziaõ,
Os Padres Miſſionarios, que reſtavaõ,
Ou repetidas Confiſſoens ouviaõ,
Ou em fazer Doutrina ſe occupavaõ.
E miſſionando aos preſos, lhe infundiaõ
Nas confiſſoens a Graça, em que moltravaõ,
Que naõ impedem a virtuosa palma
Priſoens do corpo às liberdades da alma.

CXVII.

CXVII.

Daõse
aos Pre-
zos qua-
tro jan-
tares.

A O Cabido, e Nobreza convidaraõ
As Justtiças, e Abbades commoveraõ,
Que em quatro companhias se juntaraõ,
Quatro vezes jantar aos presos deraõ;
Preferencias os Padres lhe evitarãõ,
E a qualidade do comer regeneraõ,
Por naõ ser bem, que o fogo da piedade
Se convertesse em fumo de vaidade.

CXVIII.

r. jantar
da Nobre
za.

Q Uando para as Cadeas se levava
O jantar, que a Nobreza conduzia,
Da Villa o Clero em alas se formava
Cantando o Padre nosso, e Ave Maria.
A cujo accento o pobre se alentava,
E a piedade o rico se movia:
Atraz os Nobres com os Missionarios
Vaõ conduzindo os instrumentos varios.

CXIX.

T Ecida palma, e enredado vime
De dois em dois suspende cada Nobre,
Baco em ceruleo vaso se reprime,
Ceres com bello adorno ali se encobre.
Reciproçado em dois o hombro opprime
Pendente a hum lenho o abundante cobre
Da fartura Indiana, & do conduto,
Que foy de Creta injurioso bruto.

CXX:

CXX.

P Ara as duas prizoens encaminharaõ
Os paños, pelo peso, vagarofos,
E mais de sincoenta se contaraõ
Gravados de alimentos copiofos.
Todos com zelo ardente se mostraraõ
Na distribuiçaõ tam cuidadosos,
Que em tanta profusaõ foy sem vaidade
E mulla da Nobreza a Caridade.

CXXI.

N A funçaõ do jantar, que deu o Cabido
As peticoens ao Ceo cantando hia
Todo o Clero, que em alas dividido
Do fagrado Exercicio entaõ sahia.
De tam piedoso acõto, e tam luzido
A profusa extençaõ, que se seguia,
Deixo dos piedofos ao conceito
Por evitar censuras de suspeito.

Segundo
jantar do
Cabido.

CXXII.

Q Uem publicar tanta abundancia intenta,
Basta fazer mençaõ dos conduçtores,
Porque só dos do coro eraõ quarenta,
Alem de treze mais Coadjutores.
E tambem mais de trinta, que fultenta
Aquella Igreja Clerigos Cantores,
Que todos dois a dois vaõ carregados,
E dos Millionarios ajudados.

Forma
do jantar

CXXIII.

CXXIII.

CAda preso reaes tem meyo cento,
 E se lhe dà tambem de barro a còpa,
 Entre o commum das Indias mantimento
 Cozido, e assado o animal de Europa.
 'Tambem o gostosissimo alimento,
 Que em mezas de Mafoma se naõ topa.
 Naõ lhe falta o licor, que dà alegria,
 E o que Ceres produz, Pomóna cria.

CXXIV.

TUdo por dignidades do Cabido
 Foy piedosamente administrado;
 E o emprego buscou mais abatido
 Quem era por Illustre acreditado.
 De tudo com grandeza repartido,
 O numero dos presos completado,
 Pelos pobres, que em bandos concorreraõ,
 As superabundancias dispenderaõ.

CXXV.

DA Justiça o jantar se conduzia
 Com tanto zelo, e tal magnificencia,
 Que em aceyo, e grandeza aos mais fazia,
 (Se excessão naõ,) louvavel competencia.
 Imitando ao Cabido repartia
 Iguaes distribuiçoens com tal clemencia,
 Que mostrava naõ ser impropriedade
 Adornarse a Justiça de piedade.

Terceiro
 jantar das
 Justiças.

CXXVI.

CXXVI.

A O jantar dos Abbades celebrava
Cantando o Clero em Prociſſaõ devota,
E do branco alimento só constava,
Que na dourada espiga o campo brota:
Mas no valor aos mais naõ se humilhava;
Pois chegando às priſoens ali se nota,
Que em fim com cada paõ, que dispenderaõ,
Duzentos reis a cada preſo deraõ.

Quarto
jantar dos
Abades.

CXXVII.

A Cabados dez dias de Exercicios,
Que em defaſette praticas caufaraõ,
Tal affecto à virtude, e odio aos vicios,
Que todos desde ali se reformaraõ:
Para se acreditarem de propicios,
Eſſeitos das Miſſoens tanto oſtenteraõ,
Que em diligencia, e eſmollas concorreraõ,
E a doze preſos liberdade deraõ.

Soltaõ-se
12. Pre-
ſos.

CXXVIII.

Q uatro Conventos, ha de Freiras, onde
Dos Padres Miſſionarios a piedade
Os Exercicios faz, e corresponde
Inda que occulto o affecto à caridade;
Porque como a virtude naõ se esconde,
Por ſer exhalaçaõ da ſuavidade,
Desde entaõ da obſervancia em documentos
Parecem ſantuarios os Conventos.

Exercici-
os nas
Freiras.

CXXIX.

CXXIX.

Fundase
a Cõgre-
gação do
Coração
de Jesus.

A Cabada a Missãõ nas Religiofas
Dos Hespanhoes o affecto peregrino
Faz, com que emprego à almas venturofas
He de JESUS o Coração Divino.
E para que não percaõ fervorofas
A gloria, que lhe ordena o seu destino,
Vendo que em unioens,, o amor se augmenta
Huma Congregaçãõ fazer-se intenta.

CXXX.

Templo
da Mife-
ricordia
de Gui-
maraens.

O Nde com edificios se amplifica
Nesta Villa hum terreiro, alegre praça,
Jaz a Misericordia nobre, e rica
Com grandezas, que tem, rendas, que abraça:
Alem disto em dinheiros certifica
Settenta, e sinco contos, e inda passa,
Da qual inculca magestade, e exemplo
Excelssa galaria, e grande Templo.

CXXXI.

N Este emporio do amor, Templo elevado,
A Illustre Irmandade he bem contente,
Que de JESUS ao Coração sagrado
Se renda culto, e devoção se augmente.
Depois de ter Congregaçãõ formado
De ambos os sexos a mais nobre gente,
Com muzicas, e festas pretendia
Fazer da fundação celebre o dia.

CXXXII.

CXXXII.

P Regou Calatayud com tam vehemente,
É discreta expressãõ, que parecia
Cada palavra sua hum rayo ardente,
Que em sacro amor os peitos incendia.
No concurso fe faz tanto evidente
O gosto da erecção, que já sentia,
Serem de tanto affecto em viva calma
Thabor o coração, Empyreo a alma.

CXXXIII.

O Utra Congregação na mesma Igreja
Se faz, aonde à noite fervoroso
Vay todo o Clero, e todo, o que dezeja
De Sacerdote o estado venturoso.
He estatuto, que huma hora ali se esteja
De lição, e Oração, e he tam zeloso
Dos Congregantes o continuo augmento,
Que concorrem quatorze alem de hum cento.

Congre-
so de O-
ração, q
se faz na
Miseri-
cordia.

CXXXIV.

D E tanta devoção, tanta frequência
Aos sagrado Primaz a gloria fica ;
Por quanto oitenta dias de indulgencia
Cada noite a qualquer lhe communica.
Desto Principe he tanta a providencia
Nas graças, que propicio multiplica,
Que nem dia, nem hora passar vemos,
Em que indulgencias suas não logremos.

Indulgē-
cias, que
concede
Sua Alte-
za.

CXXXV.

CXXXV.

LA' no theatro antigo da ventura
Do Reyno de Aragaõ fertil campanha,
Aonde de ti mesmo Ebro murmura,
Porque de Caragoça as plantas banha,
Visitou do Pilar a Virgem pura
Ao Tutelar Apostolo de Hespanha,
E em doces suspensoens cantar se ouvia
Ao Angelico coro a Ave Maria.

CXXXVI.

Que a Virgem do Pilar se saudasse
Cada vez, que o relógio as horas desse,
Dizendo *Ave Maria*; dali nasce,
E em toda a lberia a devoçaõ floresce;
Fez o Calatayud, que a fomentasse
O Principe de Braga, pois conhece,
Que esta saudaçaõ traz à memoria
Da Virgem, May de Deos, a mayor gloria.

CXXXVII.

JOzè, que o Real animo amplifica
Das devoçoens frequentes na influencia,
Da Virgem pura os cultos multiplica
Na lembrança feliz desta excellencia:
Cada vez, que o relógio horas publica,
Concede oitenta dias de indulgencia,
A quem por devoçaõ rezar confia
A' Virgem do Pilar a *Ave Maria*.

CXXXVIII.

CXXXVIII.

Cada relogio em succelliva empresa
 He hum despertador, porque assegura
 Na lembrança do amor de Sua Altéza
 Glorias da May de Deos, nossa ventura.
 O'Sagrado Primaz, tende a certeza,
 Que esse mesmo Pilar da Virgem pura
 Fica tendo hum padraõ para a memoria
 Da vossa devoçãõ, da sua gloria.

CXXXIX.

DOs Parocos o zelo he tanto ardente,
 Que aos dias Santos desde entãõ procura
 Conduzir pelas ruas muita gente
 A cantar o Rosario à Virgem pura.
 Tudo saõ firmes prevençoens de auzente,
 Comque para lembrança mais segura,
 Abraça Guimaraens por substitutos
 Da sagrada Miliaõ seus doces fructos.

Devoço-
ens, que
introdu-
ziraõ os
Milliona-
rios.

CXL.

SIncoenta, e hum dias fervorosos
 De continuas Missõens se concluiãõ,
 Quando os Missionarios amorosos
 De todo Guimaraens se despediãõ.
 Os Nobres, e Plebeos quando laudosos
 Os ultimos abraços lhe pediaõ,
 Nas ternas expressõens de affecto tanto
 Só faziaõ rhetorica do pranto.

Despe-
demse os
Milliona-
rios.

CXLI.

C Abido, Religioens, Nobreza, e Clero
 Ao despedirle foraõ procurallos,
 Para significarlhe o amor sincero
 Na magoa, que lhe fica de largallos ;
 E prevendo da auzencia o amor fero,
 Muitos queriaõ sempre acompanhалlos,
 Ou tomar affectivos por empreza
 Pedillos novamente a Sua Alteza.

CXLII.

P Artem estes Antipodas dos vicios,
 Mas lograõ supplemento da sua auzencia
 O Clero da oraçaõ nos Exercicios,
 Os mais de Sacramentos na frequencia ;
 Porque em fim na exacçaõ dos Sacrificios ,
 De continuas virtudes na occurrencia,
 Reconhecida a causa nos efeitos,
 Eu fiquey menos máo, e os mais perfeitos.

CXLIII.

E Stes tem fido, ò Principe sagrado,
 Os efeitos do amor de vossa Alteza,
 Inda que gloria a todo o Arcebispado,
 Para esta Villa especial grandeza:
 Só Guimaraens em vòs, Regio Prelado,
 Da occupaçaõ prescinde a Natureza;
 Porque em mais gloria o seu louvor prosiga,
 Dos favores Reaes na posse antiga.

CXLIV.

CXLIV.

TEndo na inclinaçõ de animos Regios
Pendente Guimaraens sempre os louvores;
Mais do que os seus antigos privilegios,
Grava na estimaçõ vossos favores;
Estes deve estimar por mais egregios,
Que os dos vossos Reaes Progenitores,
Que elles lhe deraõ de Mavorte a palma,
Vos lhe fazeis cantar triunfos da alma.

CXLV.

ISto em quanto às Miisoens, que outras proezas
Na memoria reserva o entendimento;
Que inda espero cantar vossas grandezas,
Se a tanto me elevar o atrevimento.
E assim da acceitaçõ nas incertezas
Terminefe este canto em desalento,
E a Muza afine a lyra, apure a falla,
Porque entãõ melhor cante, o que hoje calla.

F I M.



C O I M B R A :

No Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS,
Anno de 1744.

Com as licenças necessarias

M I I





